



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13623 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)  
 ISSN: 2447-2808  
 GT24 - Educação e Arte

**ARTE E TERREIRO:** a possibilidade de práticas pedagógicas antirracistas do(a) Arte-Educador(a) através de um ritual afro-maranhense  
 Luis Felix de Barros Vieira Rocha - UFPel - Universidade Federal de Pelotas  
 Georgina Helena Lima Nunes - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

**ARTE E TERREIRO: a possibilidade de práticas pedagógicas antirracistas do(a) Arte-Educador(a) através de um ritual afro-maranhense**

**RESUMO:** O resumo refere-se a uma pesquisa em andamento e trata sobre a possibilidade de práticas pedagógicas antirracistas no ensino de arte, a partir das religiões de matriz africana, mais especificamente do Baião de Princesas da Casa Fanti Ashanti, em São Luís - MA. É um ritual ligado a cura/pajelança que ocorre dia 13 de dezembro para entidades espirituais femininas, na qual somente mulheres dançam incorporadas, e traz uma gama de expressões artísticas, podendo ser inseridos no ensino de arte numa perspectiva antirracista. Para o embasamento teórico temos: Barbosa (2008), Candau (2000), Canclini (1998), Fanon (2008), dentre outras. Tal abordagem nos permite concluir que o ritual possui uma importante dimensão artística e através do estudo e vivência é possível estimular a sensibilidade estética e o respeito a diversidade, combatendo o racismo e intolerância religiosa no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Ensino de Arte, Práticas pedagógicas antirracistas, Ritual de Baião de Princesas

A pesquisa aponta a possibilidade de discussão sobre práticas pedagógicas antirracistas no ensino de arte, a partir do Ritual de Baião de Princesas da Casa Fanti Ashanti, em São Luís - MA. A questão que permeia este estudo está centrada na seguinte indagação: de que forma o Ritual Baião de Princesas, enquanto manifestação religiosa afro-maranhense,

pode possibilitar uma prática pedagógica para o(a) Arte-Educador(a) na perspectiva antirracista?

Nesse contexto, o objetivo geral é identificar as possibilidades do ritual afro-maranhense Baião de Princesas constituir-se como uma ferramenta que possibilite ao(a) Arte-Educador(a) uma educação antirracista. Sabemos que a escola é um espaço plural, onde convivem alunos(as), professores(as) e funcionários(as) de diferentes origens, culturas e credos. É justamente essa pluralidade que enriquece o ambiente escolar e possibilita a troca de experiências, ideias e conhecimentos, enquanto ambiente de socialização e inclusão também pode ser um espaço colonizado que pratica o racismo e a discriminação com a população negra e indígena.

O sistema educacional brasileiro, historicamente é marcado pela exclusão dos(as) negros(as), e reproduz práticas racistas que perpetuam a desigualdade social e educacional no país, desconsiderando-o e negando seus direitos, segundo Fanon (2008, p.46), “[...] no caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem “um longo passado histórico”. A exclusão da cultura negra na escola reflete na prática docente e no currículo escolar, perpetuando assim estereótipos e racismo, sobre o racismo no currículo, Munanga (1999, p.68) destaca que “a educação brasileira é marcada por um currículo racista, que invisibiliza a população negra e marginaliza sua história e cultura”. É preciso reconhecer que a escola é, muitas vezes um espaço de conflitos de poder, onde a classe dominante pode silenciar e marginalizar as culturas minoritárias.

Metodologicamente a pesquisa parte do Estudo de Caso com ferramentas etnográficas, porque ao analisarmos o ritual do Baião de Princesas, faremos uma observação e descrição densa do fenômeno a ser investigado, além de uma averiguação baseada na experiência, como: planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos. (YIN, 2015, MARTCCI, 2001).

Destacamos como resultado da pesquisa que a educação decolonial propõe uma desconstrução de modelos educacionais que reproduz a colonialidade do saber. De acordo com Wash, Oliveira e Candau (2018, p. 6), “[...] o sentido da pedagogia decolonial se forja na perspectiva de intervir na reinvenção da sociedade, na politização da ação pedagógica, propondo desaprender o aprendido e desafiar as estruturas epistêmicas da colonialidade”.

Promover estudos sobre religião de matriz africana no ensino de arte é uma forma importante de valorizar a diversidade cultural e combater o racismo no espaço escolar. O Baião de Princesas tem uma forte presença do hibridismo cultural, pois segundo Canclini (1998), há dois sentidos opostos sobre as culturas híbridas. De um lado, a busca em propagar valores ocidentais com o intuito de homogeneizar os estilos de vida e representações simbólicas das sociedades. Por outro lado, temos estratégias dos grupos dominantes e dominados para resguardar ou conquistar sua identidade num mundo padronizado. Dessa forma o referido ritual traz uma forte presença de liturgias católicas (ladainhas), cânticos para

as entidades europeias, indígenas, negras, além do uso de instrumentos ligados a linha da cura/pajelança, e elementos da cultura africana (vestimentas, guias, manta de tobossi).

As práticas pedagógicas antirracistas do(a) Arte-Educador a partir do Baião de Princesas podem consistir em conjunto de estratégias que visam combater o racismo e promover a valorização da cultura afro-brasileira no espaço escolar. A valorização das expressões artísticas (artes visuais, dança, música e teatro) presentes no ritual, e implementada nas aulas de arte, de forma crítica, pode permitir que os(as) alunos(as) entrem em contato com uma cultura diferente, conheçam suas manifestações artísticas e compreendam como elas estão ligadas à religião e às tradições dessa comunidade. De acordo com Barbosa (2008, p.13), "O conhecimento artístico é adquirido através das diferentes linguagens da arte. Cada uma delas cultiva seu próprio tipo de pensamento e de sensibilidade [...]". Através das expressões artísticas do Baião de Princesas, é possível aprender sobre diferentes aspectos do ritual, como sua história e resistência, além de valores como o respeito à diversidade e a importância da ancestralidade.

Com a inserção do Baião como ferramenta didático-pedagógica nas aulas de arte, o(a) Arte-Educador(a) incita reflexões sobre o racismo, preconceito e intolerância religiosa e segundo Gonçalves e Silva (2019, p.92), " [...] o professor não pode deixar de refletir e discutir a questão do racismo em sala de aula, pois é fundamental que os alunos entendam a importância da luta contra a discriminação racial e sua influência na sociedade".

A promoção do diálogo intercultural no ensino de arte é uma estratégia importante adotada pelo(a) docente para que os(as) discentes compartilhem suas experiências e vivências culturais, isso poderá ajudar a promover o respeito à diversidade cultural e a construção de relações mais igualitárias. "A educação intercultural é um desafio para o espaço escolar. Implica não apenas uma mudança de posturas do educador, mas também a construção de novas concepções sobre o conhecimento, o sujeito, a sociedade e a cultura" (CANDAUI, 2000, p. 36).

Concluimos que a educação antirracista se torna cada vez mais necessária em nossa sociedade, principalmente no ambiente escolar, que é um espaço de formação de indivíduos e de promoção da igualdade e do respeito à diversidade étnico-racial. Uma das principais formas de promover a educação antirracista é através formação dos(as) professores(as), que são responsáveis pelo desenvolvimento intelectual, social e político dos(as) estudantes.

Incluir o Baião de Princesas no Ensino de Arte pode ser uma forma de promover uma reflexão profunda que resulte em transposições didático, pois é um ritual que possui uma rica expressão artística, permitindo uma experiência estética para quem observa. Segundo Silva (1994, p.120) "a experiência estética na religião afro-brasileira [...] é uma vivência ritualística que envolve a comunicação com forças divinas e ancestrais, a carga emocional da participação coletiva, a expressão corporal e vocal da fé [...]". A inclusão dessa temática no currículo de arte, os(as) discentes têm a oportunidade de conhecer e apreciar a estética e a

simbologia dessa religião, e como promotora de um conteúdo pedagógico crítico e reflexivo como pressuposto de uma educação que ao ser laica, não desconsidera dimensões sociais da vida cotidiana, entre elas, a religiosa, como elemento propulsor de uma escolarização voltada à uma formação humana, à igualdade e equidade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. São Paulo: Cortez, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

FANON, Frantz (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA.

GONÇALVES, Luiz Carlos. SILVA, Amélia Maria Araújo da. **O papel do professor na educação para as relações étnico-raciais**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, 2019.

MARTUCCI, Elisabeth Marcia. **Estudo de Caso Etnográfico**. [Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 25, n. 2, 2001, p. 167-180.]

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra**, 1999.

SILVA, Bagner Gonçalves da. **Estética na religião afro-brasileira**. In: Revista USP, n. 19, dez/jan/fev 1993-1994, pp.110-120.

WALSH, C., OLIVEIRA, L. F., & CANDAU, V. M. **Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra**. Arquivos Analíticos de Políticas educativas, 26(83) 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman editora, 2015.